# A SOCIOLOGIA NO BRASIL: ALGUNS PONTOS PARA REFLEXÃO

Vilma de M. Figueiredo\*

#### RESUMO

O artigo retrata a história da Sociologia brasileira, visando a uma análise da situação atual da disciplina. Apontando suas forças e fragilidades, sugere que os principais problemas não são internos à Sociologia e, sim, respondem a fatores externos de ordem econômica, social e política. Por outro lado, o desenvolvimento da disciplina nos últimos vinte anos, apesar desses fatores externos, indica, sob diversos aspectos, suas forças e potencialidades.

As Ciências Sociais na América Latina têm respondido, com êxito variado, aos problemas teóricos e metodológicos que surgem na apreensão de novas realidades, problemáticas e objetos de estudo. Analisar os caminhos e implicações desse conhecimento é tarefa complexa não só porque são intrincadas e nem sempre evidentes as relações entre ciência e sociedade, mas também porque, apesar de desafios comuns que enfrentam e soluções próximas que adotam, as Ciências Sociais na América Latina guardam especificidades sub-regionais ou do Estado/nação onde se desenvolvem.

Além disso, sob o rótulo Ciências Sociais costuma-se englobar um conjunto heterogêneo de disciplinas com histórias de constituição variadas, processos distintos de institucionalização, particularidades teórico-metodológicas e graus variados de maturidade, que devem ser identificados e respeitados. Por essas razões, restrinjo meus comentários à Sociologia e ao Brasil, estando convencida de que esta é a melhor maneira de contribuir para uma reflexão sobre as Ciências Sociais na América Latina.

A Sociologia, no Brasil, ao não conseguir assumir a engenharia social como meta e, tampouco, definir-se pela contestação do *status-quo*, adquire um viés discursivo que a marca em diferentes momentos<sup>(1)</sup>. Evidentemente, não é

<sup>\*</sup> MA, PhD em Sociologia, professora do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília.

<sup>(1)</sup> Em palestra proferida no painel "Caminhos e Descaminhos da Sociologia no Brasil", promovido pela Sociedade Brasileira de Sociologia em julho de 1986, José Augusto Guilhon de Albuquerque identifica o viés discursivo da Sociologia no Brasil, em oposição ao caráter contestatório da Sociologia Francesa e à social engineering que predomina na Sociologia Americana.

objetivo deste ensaio explicar as razões desse viés. Cabe, no entanto, sublinhá-lo, já que se pretende situar a Sociologia frente a problemas e objetos de estudo relevantes para o momento atual. Muitos temas e problemas são abordados pela Sociologia nacional sem que resultem de alguma tradição ou desenvolvimento específico da disciplina e, assim como foram adotados, são abandonados antes de esgotar-se seu estudo ou seu potencial<sup>(2)</sup>. Outros permanecem objeto de preocupação por longos períodos sem que, necessariamente, signifiquem avanços teóricos importantes e, muito menos, subsídios a alguma ação política em qualquer nível<sup>(3)</sup>.

O "modismo" que marca a Sociologia autóctone, bem como sua "função expletiva" para a sociedade e o Estado – traços que configuram o viés discursivo acima mencionado –, não chegam a comprometer, generalizadamente, a excelência científica da produção sociológica brasileira: muitos pesquisadores e alguns centros de pesquisa são internacionalmente conhecidos pela sofisticação de suas produções, rigor na coleta de dados e complexidade do tratamento, quer estatístico ou qualitativo dos mesmos.

Tudo parece sugerir que os principais problemas que a afetam estejam fora do campo científico-institucional da Sociologia propriamente dita, e digam respeito à própria estruturação econômica, social e política do país que condiciona a demanda que a sociedade e o Estado fazem às ciências, o estímulo que dão ao desenvolvimento das mesmas e a absorção que fazem de seus resultados.

A desvinculação entre a ciência e os setores produtivos nacionais, tem sido apontada como um dos fatores cruciais a responder pelas dificuldades do avanço científico, por um lado, e pela eternização da situação de dependência, por outro. Essa questão afeta, primordialmente, a pesquisa aplicada e a tecnológica, mas tem significativa e central importância para a investigação básica que, como é sabido, estimula grandemente pelo avanço da pesquisa aplicada.

Enquanto a demanda por ciência e tecnologia não é satisfeita pelo que se produz localmente, mas pelo que se compra fora, não se justificam maiores investimentos na produção autóctone de ciência e de tecnologia. Esse quadro geral afeta todas as disciplinas científicas, embora seus efeitos sejam mais evidentes para as chamadas ciências exatas e biológicas.

De implicações mais óbvias para as ciências humanas e sociais, afetando, também, as demais disciplinas, é a oscilação entre regimes autoritários e populistas que marca a história política do país. Um e outro regime substituem a legitimidade dada pela competência, pela eficácia da força ou da lábia. Num e

<sup>(2)</sup> Por exemplo, os estudos de comunidades e de participação social nos anos 70.

<sup>(3)</sup> Os estudos sobre a diferenciação da pequena produção rural e sobre movimentos sociais rurais e urbanos, de meados de 1970 a meados de 1980, por exemplo.

noutro caso o conhecimento científico não é considerado base necessária e prioridade para as decisões do governo, determinadas por outros fatores sócio-culturais que caracterizam a política de clientela e o estado patrimonial já tão analisados.

A contrapartida dessa situação é o não controle da coisa pública pela sociedade, cujo comportamento ora complacente, ora ranzinza, jamais chega a um questionamento eficaz e/ou radical das políticas governamentais, pautandose mais em avaliações carregadas de emoção do que em diagnósticos fidedignos. Desse modo, também a sociedade prescinde de base científica para orientar sua ação frente ao Estado, preferindo exorcizar necessidades e demandas por meio de parafernália retórica e gestual. Esse o quadro dentro do qual cabem as efetivas e honrosas exceções.

Caso isso seja verdade, o desenvolvimento pleno das ciências no Brasil, e da Sociologia em particular, vai depender da superação desses entraves à ciência que são externos à ciência propriamente dita. Por outro lado, apesar das dificuldades que enfrenta a Sociologia no Brasil, e do viés discursivo a elas correlato, é inegável o fortalecimento da disciplina, quer teórica e metodologicamente, quer do ponto de vista institucional. Tal fortalecimento não ocorre de modo linear e nem significa, necessariamente, superação das principais dificuldades.

É possível identificar alguns momentos, não forçosamente subseqüentes, da Sociologia brasileira já a partir das primeiras décadas deste século. Um deles é o dos grandes ensaístas produzindo a ciência social ou a sociologia "de autor", preocupados com a identidade nacional em seus diferentes aspectos e abordando-a do ponto de vista histórico, econômico, cultural, social ou político. Autores como Sérgio Buarque de Holanda, Oliveira Viana, Nestor Duarte e Gilberto Freire marcaram profundamente a Sociologia, apesar de não serem necessariamente lidos nos cursos de graduação em Ciências Sociais da atualidade. Fortemente influenciados por autores europeus ou norte-americanos, os brasileiros da "ciência social de autor" tiveram o grande mérito de reinterpretálos à luz de questões próprias da realidade brasileira e, na busca da identidade nacional (cada um a seu modo), construíram arcabouços teórico-metodológicos que, ainda hoje, podem estimular pesquisas relevantes.

Com os anos 30, a criação da Universidade de São Paulo – USP (1934), e da Escola de Sociologia e Política em São Paulo, com suas propostas de curso de doutorado e mestrado, pode-se identificar um outro momento da produção sociológica. Em torno dos professores foram-se constituindo equipes formadas por estudantes que seguiam a orientação do mestre. Merece destaque o papel desempenhado por Florestan Fernandes, na Universidade de São Paulo, e pelos professores americanos, especialmente Donald Pierson, na Escola de Sociologia e Política. Desenvolvem-se, nessa época, grandes temas de pesquisa visando à macroteorização e aos procedimentos metodológicos a ela adequa-

dos. Investigam-se etnias, raças e outros elementos constitutivos da sociedade brasileira; questionam-se o desenvolvimento e as possibilidades de autonomia nacional. O ponto culminante dessa tendência são as chamadas análises da dependência que dominam nos anos 60.

Encontrando raízes nos trabalhos de campo desse período, orientados, principalmente, pela Escola de Sociologia e Política, mas também devido a outros estímulos, desenvolve-se em meados dos anos 60 e expande-se nos 70 um outro estilo de fazer sociologia. É o momento dos vôos mais rasantes, da pulverização de temas de pesquisa, da cientificidade estabelecida prioritariamente pela qualificação e/ou pelo detalhamento exaustivo de um caso específico.

Esse é o momento em que o Parecer 977 do Conselho de Ensino Superior do Ministério da Educação, de 03.12.1965, e a reforma universitária de 1968 induzem a criação de cursos de pós-graduação como meio de estimular a pesquisa científica e vinculá-la ao ensino<sup>(4)</sup>. É o momento da enorme expansão quantitativa da pós-graduação nas instituições de ensino superior e de sua estreita vinculação com a pesquisa. Fora da pós-graduação, a pesquisa é feita em institutos independentes, dos quais o Cebrap é pioneiro.

O governo organiza-se para financiar essas atividades, que são também apoiadas regularmente por agências internacionais ou estrangeiras (dentre as quais merece destaque, para as Ciências Sociais, a Fundação Ford) e, esporadicamente, por algumas raras empresas privadas nacionais (especialmente no início do Cebrap). Cabe lembrar, ainda, que a expansão da pós-graduação e da pesquisa nesse período deve-se, também, ao fechamento de outras possibilidades ocupacionais e políticas para os cientistas sociais, em função do regime autoritário-militar instalado em 1964 (Maciel, 1985).

Observando-se o início dos programas de pós-graduação, com exceção da Universidade de São Paulo, que se adapta à nova legislação em 1971, notase que os mestrados em Sociologia começam a surgir em 1965 e os dois mais recentes datam de 1981, do total dos 14 atualmente existentes. Os mestrados que se auto-denominam de ciências sociais – programas multidisciplinares ou que pretendem a interdisciplinaridade (nove) – são mais recentes, o mesmo acontecendo com os cursos de doutorado. Dos três doutorados de Sociologia, um é o da Universidade de São Paulo e os outros dois foram criados nos anos 80 (IUPERJ, 1980; UnB, 1984); os doutorados em Ciências sociais são dois, criados em 1981 (PUC/SP) e 1985 (Unicamp).

Mais recentemente, no começo dos anos 80, começa a delinear-se um outro momento de ênfase na construção teórica, com a retomada crítica dos clássicos e de "escolas" modernas e contemporâneas, incluindo-se, aí, a produção latino-americana e, especificamente, as análises da dependência. Alguns

<sup>(4)</sup> No Relatório da Comissão de Pós-Graduação da Anpocs, de 1985, a presidente da Comissão, Eunice Durham, identifica pontos cruciais e analisa a política de pós-graduação e as Ciências Sociais.

temas passam a ser priorizados, como as relações sociedade/Estado, nas análises de políticas públicas, de natureza e processos de construção da cidadania, de classes sociais e poder, de produção e absorção de tecnologias, de processo de trabalho e reivindicações sociais e mesmo nas análises de movimentos sociais.

Os estudos das condições do desenvolvimento científico do país, incluindo as ciências sociais, são feitos, também, visando à articulação entre a história da ciência, a sociedade e o Estado, dando origem à caracterização de escolas, de grupos ou de autores<sup>(5)</sup>. Cabe lembrar, aqui, a contribuição metodológica das técnicas qualitativas, especialmente as histórias da vida, para o desenvolvimento teórico da Sociologia no que diz respeito à reconstituição de períodos, esforço que se tem expandido nos últimos tempos, sem prejuízo das técnicas quantitativas.

É de fundamental importância, para o fortalecimento das Ciências Sociais no Brasil, o papel desempenhado pelas sociedades científicas, que vêm-se expandindo, e sua influência na formulação e implementação de políticas para o setor; na promoção de intercâmbio entre pesquisadores/docentes nos seus encontros nacionais visando, inclusive, ao contato interdisciplinar; no estímulo ao intercâmbio internacional; no incentivo à produção de alta qualidade, através de premiações, e à pesquisa por meio de financiamento das mesmas através de bolsas; nas iniciativas diretas e indiretas de ampliação das possibilidades de publicação da produção científica.

São quatro as sociedades científicas que organizam as Ciências Sociais strictu-sensu: a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Sociais — Anpocs, criada em 1977, que congrega a totalidade dos cursos de Pós-Graduação em Sociologia, Antropologia e Ciência Política e os centros de pesquisa de maior expressão no país. A Associação Brasileira de Antropologia — ABA, criada em 1956, promove congressos bienais. A Sociedade Brasileira de Sociologia, fundada em 1954, não promoveu atividades entre 1962 e 1965, quando foi reativada por iniciativa de sociólogos, com apoio da Anpocs. A Associação Nacional de Ciência Política foi criada em 1986, após discussão e decisões amadurecidas, também, no seio da Anpocs. Não se deve esquecer,

<sup>(5)</sup> Considerando-se Antropologia, Ciência Política e Sociologia, os temas desenvolvidos pelos Grupos de Trabalho da Anpocs (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Sociais) já fornecem uma primeira ilustração desses comentários. São os seguintes os temas dos 23 GTs que se reuniram em outubro de 1986: Classe Operária e Sindicalismo; Direito e Sociedade; Educação e Sociedade; Elites Políticas; Estado e Agricultura; Estado e Democracia; Estudos Urbanos, Representações e Políticas Públicas; Família e Sociedade; Forças Armadas, Estado e Sociedade; História Indígena e do Indigenismo; Lutas Urbanas, Estado e Cidadania; Métodos em Ciências Sociais; Mulher e Política; Partidos, Eleições e Problemas Institucionais; Partidos e Movimentos de Esquerda; Pensamento Social no Brasil; Política e Economia; Políticas Públicas Internacionais e Política Externa; Religião e Sociedade; Sociologia da Cultura Brasileira; Temas e Problemas da População Negra no Brasil.

entretanto, o papel da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC, na promoção da Ciência no Brasil que, nos últimos anos, tem crescentemente abrigado as Ciências Sociais.

A preocupação com o avanço e consistência teórico-metodológico das Ciências Sociais e, especialmente, da Sociologia, reflete-se no temário do III Congreso da Sociedade Brasileira de Sociologia, de julho de 1987, onde a questão da especificidade disciplinar e da interdisciplinaridade está contemplada, bem como a posição da sociologia feita no Brasil no panorama internacional, as contribuições da análise qualitativa e da análise quantitativa para o avanço teórico. O esforço de superação do viés discursivo da disciplina, no que compete à Sociologia e aos cientistas que a desenvolvem, apresenta-se na identificação dos temas emergentes na Sociologia e na análise da atual conjuntura de transição para a democracia.

A situação atual das Ciências Sociais e, especialmente, da Sociologia, sugere que a disciplina vem sendo satisfatoriamente desenvolvida no Brasil. O avanço em termos de qualidade/titulação dos docentes/pesquisadores é nítido, apesar de o processo não estar concluído, o que se evidencia em cursos com participação de docentes não doutores, significando que a política de treinamento não deve ser interrompida, mas fortalecida, especialmente por meio de estímulo aos doutorados no país.

Por outro lado, muitos programas contam com uma visível maioria de pós-graduados, o que sugere a importância do estímulo ao pós-doutorado no exterior ou no país, facilitando o intercâmbio entre programas, contornando os problemas institucionais que o têm dificultado. A ausência de um intercâmbio ativo entre programas é sentida como um entrave ao fortalecimento das disciplinas de Ciências Sociais e também ao avanço de propostas interdisciplinares. O papel das sociedades científicas neste campo tem sido relevante, mas o problema ainda está longe de ser resolvido.

O tempo médio de titulação no mestrado e no doutorado é extenso, o que se pode compreender pela natureza da pesquisa sociológica, por um lado, e pela perda substancial do valor das bolsas (impedindo a dedicação exclusiva ao programa) por outro, mas não se pode justificar num país onde as carências em educação são enormes e os retornos dos investimentos, na formação de alto nível, devem se fazer a curto ou médio prazos.

Apesar dos inúmeros esforços de grupos de sociólogos, antropólogos e cientistas políticos não se firmou, ainda, uma política de publicações para as Ciências Sociais. A implicação desse fato é que a divulgação das teses de mestrado e doutorado, particularmente as produzidas fora do eixo Rio-São Paulo, é extremamente precária.

Finalmente, cabe ressaltar o persistente isolamento das Ciências Sociais no Brasil em relação aos demais países da América Latina. Muitos programas incluem nos seus currículos disciplinas sobre América Latina e, nas bibliogra-

fias, autores latino-americanos. Algumas iniciativas tópicas têm sido empreendidas, visando uma cooperação mais próxima entre docentes/pesquisadores latino-americanos, mas ainda não se firmou um intercâmbio regular e institucionalizado entre eles, de modo a garantir a investigação das especificidades da região. Merecem destaque as iniciativas da Universidade de Brasília e da Federação Latino-Americana de Ciências Sociais — Flacso, de implementarem, na Universidade de Brasília, um doutorado interdisciplinar sobre América Latina e Caribe que, recebendo o apoio esperado, deverá sistematizar o intercâmbio entre cientistas sociais latino-americanos e explorar o veio interdisciplinar no tratamento de temas específicos.

O esforço de sociólogos e demais cientistas sociais, individualmente ou por intermédio de sociedades científicas, visando um maior comprometimento com as demandas da sociedade e também a uma maior participação na formulação e implementação de políticas governamentais deverá, a médio prazo, contribuir para a correção do viés discursivo que caracteriza a prática da disciplina no Brasil. Por outro lado, a superação efetiva do problema depende de ajustes estruturais que escapam à ação exclusiva de cientistas sociais.

#### **BIBLIOGRAFIA**

CNPq, (1982), Avaliações e perspectivas, Brasília.

DURHAM, Eunice et ali, (1985). Relatório da Comissão de Pós-Graduação. Anpocs (mimeo).

FIGUEIREDO, Marcus, (1986). A Finep e as Ciências Sociais: 1974 – 1984. Anpocs (mimeo). MACIEL, Maria Lúcia, (1985). La recherche en Sciences Sociales et son contexte politique. Université de Paris VII: tese de doutorado.

MOURA CASTRO, Cláudio, (1985). *Há produção científica no Brasil.* Brasília: IPEA. CNRH, Documento de Trabalho nº 18.

ROCHA, Lúcia M. da Franca et ali, (1985). A relação pesquisa-ensino nas instituições de ensino superior. Programa de Avaliação da Reforma Universitária. MEC/Capes.

#### **ABSTRACT**

### SOCIOLOGY IN BRAZIL: SOME POINTS FOR REFLEXION

The article retraces the history of Brazilian Sociology and proposes a line of analysis of its present situation. Indicating its strengths and weaknesses, the author suggests that the main problems of sociology in Brazil are not internal to the discipline, but rather represent responses to external factors of economic, social and political order. On the other hand, the development of this discipline in Brazil in the last two decades despite those external factors points to its present strengths and its potential.

#### RESUME

## LA SOCIOLOGIE AU BRÉSIL: QUELQUES POINTS DE RÉFLEXION

Cet article retrace l'histoire de la sociologie au Brésil et propose un cadre d'analyse de sa situation actuelle. Indicant ses forces et ses fragilités, l'auteur suggère que les problèmes principaux ne sont pas internes à la sociologie même, mais représentant des réponses aux facteurs externes d'ordre économique, social et politique. Par contre, le développement de la discipline au cours des vingt dernières anées malgré ces facteurs externes indique, sous plusieurs aspects, ses forces actuelles et son potentiel.